

FORMAÇÃO DE FORMADORES EM SUPERVISÃO EDUCACIONAL

Yolanda Pereira Morel

yoio1@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho aborda a questão da formação de formadores em supervisão educacional. A investigação promoveu um espaço de reflexão e construção teórica. Trouxe a contribuição da ASSERS nos seus fazeres. Foi realizado um estudo de caráter descritivo, com abordagem qualitativa e uma pesquisa exploratória. Os participantes dos eventos da ASSERS ficaram satisfeitos com as atividades por ela oferecidas. A instituição está integrada ao processo de criação e desenvolvimento de cursos de formação adequados e necessários para a concretização de uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Formação. Supervisão. Fé.

INTRODUÇÃO

O mundo mudou através dos tempos. As pessoas mudaram, as idéias acompanharam todas as evoluções. A educação se surpreendeu e surpreendeu à todos e, nessa relação, se perdeu. Os caminhos que antigamente eram retos, tornaram-se tortuosos. O que era líquido e passivo, tornou-se sólido e bruto. O que era infalível e exato, em discutível e duvidoso, controverso. Antigamente, era “aquilo” e pronto. Hoje “pode ser”, “talvez”, “quem sabe”. Existia um único caminho, hoje os caminhos são os mais diversificados possíveis. E foi aí que a educação se perdeu, e, inserida nela, os educadores também. Não se ensina mais como antigamente...não se aprende mais como antigamente...o que aconteceu? Onde está ou onde ficou o nó? Como, quando e onde desata-lo?

Vive-se um processo de rompimento dos padrões que exclui a racionalidade técnica e o ensino cartesiano, se transformando em uma nova percepção de mundo, de homem, de ciência. As verdades absolutas dão lugar às incertezas; o conhecimento lógico e definido dá lugar ao conhecimento provisório. É aconselhável assumir o processo pedagógico com objetivos e estratégias pedagógicas diferenciadas, propostas de trabalho voltadas para a potencialização dos indivíduos (MEIRIEU, 2002).

1 EDUCAÇÃO

É pertinente discutir qual o sentido e a situação atual da educação. Consultando a história da educação brasileira vê-se que “ela pode ser percebida como um desdobramento de fatos históricos caracterizadores de uma condição de extrema alienação, possível de ser

descrita como uma situação de carência de identidade, de intencionalidade e criticidade” (SEVERINO, 1986, p. 293). Carência de identidade quando se revela produtora da vontade e do projeto de um outro, se distanciando das reais necessidades da grande maioria carente de nossa sociedade. Carência de criticidade no momento em que é incapaz de se compreender como parte integrante de um processo político-social mais amplo onde discurso e prática só servem de instrumentos de reprodução da opressão, desumanização, escravidão provocada pelo modelo econômico ocidental embasado no processo de produção capitalista. Carência de intencionalidade quando não é capaz de elaborar seu próprio plano educacional; quando educadores vivem a mercê de forças externas que impõem regras determinantes; quando educadores não atuam como sujeitos do processo e sim como objetos.

Toda educação supõe exigências, direitos e compreensão pedagógica que não devem ser esquecidos ou desprezados. Mas, com a mudança em geral, o homem passou a se caracterizar como alguém que procura compreender todas as variáveis e seu inter-relacionamento numa dada situação, buscando verificar causas e conseqüências dos problemas que o aflige. Sendo a meta essencial da educação e da renovação da escola, o educador passa a ser o agente da evolução que “pode modificar os estímulos de maneira que a resposta alcance, com maior segurança, a formação de predisposições intelectuais e emocionais desejáveis” (CABEDA, 1976, p. 4).

Para corresponder às esperanças do nosso tempo e para responder aos imperativos de uma educação autêntica, o educador deve aceitar o risco de introduzir, na continuidade de sua ação educativa, a descontinuidade do tempo (FURTER, 1974, p. 49).

O educador aprende constantemente com o objetivo de melhorar o seu trabalho, seja ele regente de classe, diretor, orientador ou supervisor educacionais. Preocupadas com isso, um grupo de profissionais da Secretaria da Educação do Estado decidiram fundar uma associação que atendesse estes assuntos além de defender os direitos desta categoria profissional.

2 A ASSERS

A Associação dos Supervisores de Educação do Estado do Rio Grande do Sul é uma entidade de classe de natureza civil e finalidade associativa e educativa, autônoma, com sede

e foro em Porto Alegre. Esses profissionais se uniram para apoiar-se mutuamente no sistema vigente que via essa função como uma “super” visão para o sistema. As escolas precisavam de outro olhar para essas pioneiras. Então, começou a luta pela valorização do cargo e da função, embasando-se nos conhecimentos, ainda pequenos, desse olhar para a educação e motivadas pelas escolas.

Buscando um trabalho de qualidade, a ASSERS vem propiciando aos associados e demais representantes da educação: cursos de formação para formadores, seminários, encontros nacionais e internacionais em diversas localidades do Brasil e alguns países do MERCOSUL, com o objetivo de analisar e debater questões educacionais em busca de alternativas e soluções para a melhoria da qualidade do ensino na América Latina.

Conhecimento faz parte da vida do educador. O supervisor, como educador que é, busca de todas as formas a atualização constante. Desta forma, a ASSERS tem papel preponderante nessa atualização ao contemplar seus associados com diversos eventos. Desenvolve cursos de capacitação para supervisores educacionais e educadores em geral, curso de formação permanente para supervisores educacionais de escolas públicas, curso de formação continuada direcionado a instituições privadas, curso de desenvolvimento moral e relações éticas na educação, curso de capacitação à distância, oficinas pedagógicas, oficinas de literatura e promove os Encontro Estadual de Supervisores Educacionais e Encontro Internacional de Educação MERCOSUL/Conesul e Países Associados num Desafio Político e Pedagógico.

A educação, hoje, requer outras formas de gerenciá-la. O educador que saiu de uma formação para trabalhar com um público homogêneo, deparou-se com a diversidade, além de lhe ser exigido o desenvolvimento de capacidades grupais, resolução de problemas, elaboração, execução e acompanhamento de projetos, etc.

A formação do supervisor deve estar direcionada para a formação de educadores capazes de colaborar na realização da ação educativa como tarefa de humanização, superar a concepção meramente operacional e instrucional e adotar uma perspectiva autenticamente educacional.

Busca-se a compreensão dos novos sentidos da escola, sentidos possíveis ao papel dos educadores. A geração e a circulação da informação no ritmo em que acontece e na forma em

que se faz, sem controle e verificação, cria situações impensadas, provocando nos currículos e na formação do educador um grande desafio.

São necessárias propostas pedagógicas construídas a partir de metodologias mais dinâmicas e mais ativas. “(...) o desejo da homogeneidade é a ruína da educação” já dizia Meirieu (2005, p. 49). Este mesmo autor afirma que a relação pedagógica aborda também a questão da afetividade, vínculo, identificação e sedução. O prazer é um fator primordial para encontrar o êxito; mesmo para enfrentar as dificuldades, pode existir o prazer da descoberta.

3 A POLÍTICA

Deseja-se uma política de educação com maior democracia, onde se repense o papel do formador de formadores, analise o currículo dos cursos de formação e redirecione as ações para que seja superada a crise da socialização, com a conscientização de que todos os envolvidos precisam mudar de atitude no seu dia-a-dia e compreendam as dificuldades da vida coletiva: o de transportar concepções da vida do mundo relacional até o mundo pedagógico, isto é, incluir no currículo a reflexão, a discussão e o entendimento de conceitos como identidade (cultural e social), alteridade, diferença, multiculturalismo, gênero, etnia, sexualidade, intolerância, preconceito, discriminação, violência, entre muitos.

É importante perceber que ninguém mais aceita apenas a transmissão de conhecimentos, mas necessita construir estes conhecimentos de maneira que possa relacionar e aplicar o aprendido às situações vivenciadas, uma vez que o processo de aprendizagem nunca está acabado e se enriquece com qualquer experiência. É aconselhável possibilitar aos formadores, em sua formação, pensarem sobre seu próprio processo educativo, enquanto educandos, para, daí, melhor se assumirem e se prepararem como formadores que estão sendo hoje ou que serão algum dia, com vistas, em especial, à sua atuação docente nos cursos de formação.

É importante enriquecer os processos educativos de maneira que possam contribuir com a autonomia, a criatividade, a crítica e a busca ativa e interativa do conhecimento. Toda mudança nasce do casamento entre a necessidade e o desejo (ROSA, 1994, p. 16). A formação é um ato pedagógico, social e psicológico.

É necessário ter em vista a atualização, a sistematização e o aprofundamento de conhecimentos e competências pedagógicas dos formadores, proporcionando condições de renovação, obtidos pela via da experiência. Assim, estar-se-á garantindo a qualidade da formação dos formadores e viabilizando a qualidade da formação profissional.

Baseado nos referenciais pedagógicos, identifica-se os desacordos realizados e entende-se as ações educativas.

O trabalho do supervisor é fundamentalmente um trabalho de formação continuada em serviço fazendo com que os docentes tomem consciência sobre suas ações e obtenham conhecimento sobre o contexto educacional em que atuam, dando condições para o desenvolvimento profissional dos agentes, um trabalho complexo e essencial.

O trabalho do supervisor como formador busca compreender a realidade educacional e seus desafios, construir alternativas que mostrem adequação e satisfação dos participantes com um mínimo de consciência entre as ações pedagógicas.

Formar, articular e transformar é muito difícil, porque não existem receitas. É preciso usar a criatividade em soluções viáveis a cada contexto. Por outro lado, não se pode considerar como uma tarefa técnica esta mudança de práticas pedagógicas, porque não é uma substituição de programas, métodos de ensino e formas de avaliação corriqueira.

Para mudar as práticas é preciso reconhecer limites e deficiências no próprio trabalho, lançar olhares questionadores e de estranhamento para o que é familiar e que parece impossível mudar. É preciso reclassificar valores, trocar de hábitos, coisas importantes para a identidade pessoal e profissional.

4 A MUDANÇA

Fazer mudanças significa fazer diferente as relações, desestabilizar a estrutura de poder, provocar conflitos, enfrentar desgastes e frustrações entre os sujeitos. Significa alterar

muito a cultura organizacional. É por isso que os educadores são tão resistentes às mudanças, por causa das incertezas. Assim sendo, é claro que o supervisor como formador encontra obstáculos para desempenhar suas funções, uma vez que é pego pelas emergências e necessidades do dia-a-dia, com funções mal compreendidas e muito mal delimitadas, quase sempre sem apoio, tentando vencer seus temores, sua insegurança, seu isolamento para conquistar seu espaço.

O que se fala, não é nenhuma novidade, mas salienta-se a dificuldade e a importância do trabalho do supervisor educacional que pode ser desenvolvido com educadores para que, ao criarem propostas de ensino para contemplar os desafios da educação, construam sua qualificação profissional.

É importante investir na formação do educador em especial do supervisor educacional, uma vez que este é o agente estimulador e articulador do processo educativo. Construir um espaço de formação para que possa apresentar as dificuldades inerentes à sua função, partilhar angústias, refletir sua prática, trocar experiências, crescer profissionalmente, de maneira que consiga desempenhar-se plenamente dentro de sua condição de formador de formadores. Mudança de mentalidade não se decreta, é amadurecida num processo paciente e frágil, exigindo esforço, suporte, atenção e tempo.

A formação é condição necessária para o desenvolvimento de uma prática de intervenção adequada aos processos de ensino e de aprendizagem realizados nas instituições educacionais. A falta desta formação faz com que o supervisor educacional fique distante do seu objeto de trabalho que é seu colega educador. O supervisor educacional, indiscutivelmente, é co-autor e co-responsável pelos resultados da aprendizagem. São necessárias atitudes formativas direcionadas para a qualificação constante e permanente do educador. Na formação, o supervisor educacional deve ter como objetivo possibilitar o repensar da prática do supervisor educacional e a construção de competências que contribuam progressivamente para a efetivação e consolidação de uma estrutura de formação permanente.

Esta formação solicitará um envolvimento maior, conhecimentos didáticos, desenvolvimento da observação e análise da ação pedagógica, além do rompimento para com o modelo convencional de formação, transformando-se numa ação rigorosa provocando alterações nas práticas no momento de sua revelação.

Segundo Anthony Giddens (2007) vive-se um período em que a produção intensa e acelerada de conhecimento “empurra” a vida social para fora dos ancoradouros da tradição. Portanto, a formação inicial nos dias de hoje, dá um salto adiante. As dimensões e a duração dessa formação inicial revelarão a importância que a sociedade atribui a atividade docente. Existe uma esperança de que as diferenças de formação entre os educadores nas várias etapas educativas sejam diferenças apenas de modalidades, de especialização, mas que todos sejam valorizados da mesma forma, independente de suas funções.

A formação não pode mais se fundamentar em uma concepção que reduz a prática numa mera aplicação, uma vez que ela não é adquirida de um dia para o outro, mas progressivamente, integrando-se ao itinerário biográfico da pessoa e mediante uma evolução da profissionalização, entendida em sentido amplo: “deveria ser uma questão prioritária na formação, compreender a vida emocional do educador, seus sentimentos em relação ao seu trabalho, levar em conta sua vida emocional e os contextos em que se desenvolve de forma que a cultivem positivamente, evitando destruí-la” (HARGREAVES, 1999, p. 136).

Embora a formação esteja muito próxima das necessidades administrativas dos sistemas, ela ultrapassa os limites na direção de formar indivíduos com vontade de enfrentar as incertezas da mudança, capazes de suportar o realityshock, o contato com a realidade; pessoas que não temem o ambiente educacional espelhado numa sociedade contraditória e heterogênea, que querem enfrentar o conflito como quesito indispensável para o crescimento coletivo. “Os problemas são nossos amigos” afirma Fullan (1994, p. 159).

A formação aprofunda-se em todas as atividades nas quais tanto o educador como o supervisor educacional têm a oportunidade de avaliar conflitos de caráter cultural, de compartilhar pontos de vista com seus pares, enfrentam dilemas morais, são cúmplices de contatos e experiências, e desenvolvem práticas em ambientes sócio-culturais diferenciados.

A revisão da formação reforça a interlocução entre os mais variados cursos e entre universidade, associações, escolas, institutos educacionais, etc. Estas fomentam uma prática e uma pesquisa educacionais.

Ao subsidiar e organizar a reflexão dos educadores sobre as razões que justificam suas práticas pedagógicas e sobre as dificuldades que encontram para desenvolver seu trabalho, o supervisor está favorecendo a tomada de consciência dos educadores sobre suas ações e o conhecimento sobre o contexto educacional em que

atuam. Estimular o processo de tomada de decisão para encontrar alternativas para superar os problemas e promover a constante retomada da atividade reflexiva para readequar e aperfeiçoar as medidas implementadas, o supervisor educacional propicia condições para o desenvolvimento profissional dos participantes, tornando-os autores de suas próprias práticas (GARRIDO, 2002, p. 9).

A demanda dentro de uma instituição educacional é composta de educadores e, estes, são à base do trabalho de formação por parte do supervisor educacional, entendida como desenvolvimento pessoal para poder transformar-se. É um processo interno de modificação: forma de pensar em si mesmo, como se relacionar com os outros. O supervisor educacional toma a formação como qualificação para o trabalho, num processo de transformar-se para transformar, construir habilidades/competências/conhecimento, sem deixar de lado o desenvolvimento da espiritualidade humana.

O formador eficaz é aquele que se ajusta aos níveis do formado, aquele que presta melhor ajuda, enfim, o melhor orientador. O caminho é repensar a problemática básica da formação, de maneira que seu discurso seja uma tentativa de articular uma resposta com sentido.

O formador é um criador de almas e buscar o caminho é a condição existencial do formando, em contínuo processo de formação: lento e difícil, sendo alcançado pouco a pouco, depois de muito esforço, buscando a superação. Este processo se apresenta na forma de tensão onde o que está em jogo é o destino do formando.

O verdadeiro educador é um “artista”, um fazedor de indivíduos livres. A liberdade é a alavanca que move e remove a existência de cada um; fixa e germina em um solo anterior; o amor e o olhar, a palavra ou o silêncio, a presença e a esperança do outro.

Há necessidade de construir um novo humanismo. De nada adianta ser um bom profissional e não ser humano uma vez que as relações humanizadoras deixam marcas na alma e no coração dos formadores, resgatando os valores essenciais, de que tanto o mundo de hoje está necessitando e que fazem a sociedade sobreviver. Os educadores solicitam mais, muito mais, do que informações. Solicitam atenção, estabelecimento de vínculos, atendimento às carências que, muitas vezes, bloqueiam sua capacidade cognitiva e retardam a formação.

Sem educadores bem formados e atualizados a sociedade não os valoriza adequadamente, e nem asseguraram uma educação de qualidade.

CONCLUSÃO

A formação dos formadores deve ser prioridade, não podendo ser encarada apenas como uma ação solitária. Conduzir uma formação requer competências básicas que não podem ser desconsideradas. Deve ser vista como um trabalho coletivo que acontece dentro de alguma instituição educacional. De nada adianta receber formação se não aplicá-la onde desenvolve suas atividades, uma vez que se sabe muito bem que “conhecimento só é conhecimento quando se transforma em ação” (ROSSINI, 2005, p. 24). A mesma autora ainda diz que se o educador faz um curso de formação e guarda todas as anotações ou apostilas que recebeu, só terá informações. É preciso praticar as informações para que elas se transformem em conhecimento. É sua ação, sua prática que vai permitir seu progresso com relação ao conhecimento.

A decisão de desenvolver cursos de formação de formadores para atender aos supervisores educacionais surgiu da necessidade de modificar o cenário educacional atual. Sendo a construção dos cursos vista como espaço de formação de supervisores educacionais e de professores/supervisores, bem como da transmissão de conhecimentos e práticas, para o confronto de saberes, em que educadores falam de pontos de vista diferenciados, a demanda maior passa a ser a superação de obstáculos e do isolamento intelectual que implica em aprender com o outro exigindo mais compromisso e vontade profissional, bem como estudos e pesquisas. Então, é lançado o desafio: para formador e formadores aceitarem o confronto e a possibilidade de criação coletiva do conhecimento, para que sejam capazes de perceberem “de novo” suas práticas profissionais e intervirem na realidade, transformando-a. “A prática é travessia, é reflexão na ação e sobre a ação” (Manhães¹, 2008). O educador é sujeito de sua própria prática (individual e coletiva) e lhe cabe criá-la e recriá-la.

A educação do novo século está a exigir educadores formadores de formadores comprometidos, pró-ativos, maduros e responsáveis que diminuam a distância que existe entre o real e o ideal.

O educador é agente de mudança. Com sua presença e participação concorre para a modificação de comportamentos. É o único capaz de amenizar a ciência sem deturpá-la e de suavizar a insensibilidade da técnica.

Entre as buscas pessoais e coletivas, os desejos de cada formador vão se fortalecendo, os desejos de contribuir através da educação para que mais pessoas encontrem um sentido na vida, mais pessoas sejam livres e felizes. Que todos os supervisores educacionais possam se reencontrar consigo mesmo, com o meio, em uma relação de respeito e de profusão do sentido da vida. Estes são sonhos que qualquer um traz, mas os desafios não termina. É preciso compartilhar idéias nas quais se acredita e somente com mais pessoas sonhando se poderá sonhar como Paulo Freire sonhou e como Dom Helder Câmara (apud HENGEMÜHLE, 2007, p. 208) nos ensinou: “Um sonho que se sonha só é apenas um sonho; um sonho que se sonha junto é a realidade que começa.”

NOTAS

1. Luis Carlos Siqueira Manhães é professor adjunto III da Faculdade Federal Fluminense/Rio de Janeiro/Brasil.

REFERENCIAS

CABEDA, Ada Vaz. *A atuação do professor como profissional de educação*. Porto Alegre. Tese apresentada no XII Congresso Nacional de Professores no RS, 1976.

FULLAN, Michael. *La gestión basada en el centro: el olvido de lo fundamental*. Revista de Educación, CIDE-MEC, nº 304, p. 147-161, mayo-agosto, 1994.

FURTER, Pierre. *Educação e Reflexão*. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1994.

GARRIDO, Elza. *Espaço de formação continuada para o professor coordenador*. In: O coordenador pedagógico e a formação docente. Bruno, E. B. G et al. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

HALGREAVES, Andy. *Hacia una geografía social de la formación docente*. In: Desarrollo profesional del docente: política, investigación y práctica. Madrid: AKAL, 1999.

HENGEMÜHLE, Adelar. *Formação de professores: da função de ensinar ao resgate da educação*. Petrópolis: Edições Paulinas, 2007.

MEIRIEU, Philippe. *A pedagogia entre o dizer e o fazer: a coragem de começar*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROSA, Sanny S. da **Construtivismo e mudança**. São Paulo: Corte, 1994.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. *Educar para ser*. Petrópolis: Vozes, 2005.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *A Formação do Especialista em Educação – um debate em perspectiva*, 1986.